



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17864 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

ENTRE ESPELHOS E BERÇOS: UMA ANÁLISE DO “AUTORRETRATO” DE PROFESSORAS DE BEBÊS

Maria das Graças Oliveira - UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Jamilly Souza Mendes - UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPESQ

**ENTRE ESPELHOS E BERÇOS: UMA ANÁLISE DO “AUTORRETRATO” DE PROFESSORAS DE BEBÊS**

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa de Iniciação Científica concluída cuja temática é: as marcas sociais e culturais no corpo das professoras, na perspectiva delas. Indagam-se: como as professoras dos berçários públicos se auto descrevem e se autorretratam? Como elas veem o seu corpo no exercício de seu trabalho com os bebês? Parte-se do pressuposto de que o corpo da professora de bebês é muito demandado na docência com crianças dessa faixa etária, devido às especificidades educativas e de cuidados delas, e das atividades inerentes à própria docência, tais como, a organização dos espaços e dos materiais para o desenvolvimento das propostas pedagógicas com os bebês.

Nesse contexto torna-se relevante conhecer as narrativas dessas profissionais sobre os seus corpos na docência com as crianças, pois, a comunidade de modo geral, prescinde de maior compreensão desta profissão, constituída em sua maioria por mulheres, nas instituições de educação infantil.

O desenho teórico metodológico da pesquisa tem a abordagem quantitativa e qualitativa. Para responder à questão central utilizou-se a técnica de aplicação de questionário contendo perguntas abertas e fechadas. Foram distribuídos 60 questionários em doze instituições públicas, do total de 20 existentes que atendem

crianças de 0 a 1 ano (berçário 1), e, destes foram respondidos 25 pelas professoras que trabalham com essa faixa etária. As respostas foram transcritas (questões abertas) e foram organizadas em gráficos e tabelas, aquelas advindas das questões fechadas. Em seguida procedeu-se a análise subsidiada pelos pressupostos da análise de conteúdo de Bardin dos achados da pesquisa.

Os resultados mostram que essas professoras de berçário, são mulheres, entre trinta e cinquenta anos de idade, a maioria se autodeclara parda, e se descrevem ora enfatizando os aspectos físicos, ora aspectos pessoais, profissionais, e, a maioria se define como “apaixonadas pela profissão” que é cansativa, exige muito do seu corpo. O que as atrai ao trabalho com os bebês é a afetividade pelas crianças e a satisfação pelo processo de desenvolvimento delas.

Para analisar tais narrativas das professoras de bebês sobre seus corpos na docência, esse texto está organizado da seguinte maneira: inicialmente a abordagem conceitual do corpo à luz do estudo da antropologia de Rodrigues (1979), o corpo e sua construção social. Em seguida, uma tentativa de traçar o autorretrato das docentes, fundamentado em suas narrativas, será realizada. E por fim, serão tecidas as considerações finais.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1. O corpo construído socialmente**

As professoras de bebês, tem como característica relevante a centralidade de seus corpos, que para além da vivência corporal no contexto da creche, ocupam outros espaços em suas condições de mulheres, mães, donas de casa e realizadoras de demais atividades. Sob essa ótica, compreende-se que a vida é um momento de experiências e realizações, cada sujeito vive e se realiza de uma forma particular, de uma maneira que lhe caiba e faça sentido. Para estar no mundo e vivenciar situações diversas, sejam elas prazerosas, dolorosas ou insignificantes, é preciso que essa realização seja mediada, e o corpo cumpre esse papel.

O corpo é a condição primeira de existência, tudo o que fazemos no mundo enquanto seres do gênero humano passa pelo nosso corpo, pois a relação do sujeito com o mundo é mediada por ele. Como aponta Pereira (2009), o corpo é atividade sensorial e nada que existe no conhecimento já não passou primeiramente por ele. Tudo o que sentimos, fazemos, experimentamos e experienciamos se dá por meio do corpo e suas capacidades. Sob essa ótica, a relação estabelecida com o mundo através do corpo, é marcada pelas relações sociais, históricas e culturais. Rodrigues (1979), afirma que o corpo é uma

construção da sociedade, e estando inserido nela, recebe diversos significados e concepções, variando de acordo com o local onde está inserido, pois sabemos que as diferentes sociedades estabelecem diferentes regras e maneiras de ser de acordo com a sua cultura e história.

Trazendo como exemplo, pode-se refletir sobre determinados grupos sociais onde são realizados rituais de passagem em que se utiliza do corpo para marcar a importância de uma mudança de fase. Fazendo um paralelo com a nossa sociedade, os ritos de passagem também podem ser percebidos como a aprovação de um jovem no vestibular de seus sonhos, em que nesse momento algumas pessoas raspam o cabelo, passam pelos chamados “trotos”, pintam seus corpos etc.

Essas situações tão parecidas, mas que ocorrem de diferentes maneiras e em culturas diferentes, são exemplos daquilo que Rodrigues (1979) analisa sobre a sociedade: uma entidade provida de sentido e significação, onde se desenvolvem as relações sociais, se estabelecem crenças, valores, dinâmicas espaço-temporais, entre outros elementos. Nesse sentido, o corpo que se faz presente na sociedade, o corpo pelo qual se constitui os sujeitos, recebe ao longo da história, significados, exigências, expectativas e diversas regras de como deve existir e se portar diante das especificidades no meio em que está inserido (Rodrigues, 1979).

O autor supracitado argumenta também, que o meio social possui uma forma de coagir os indivíduos a usarem seus corpos. Dessa forma, é através dessa pressão que a marca estrutural do contexto social se imprime sobre o individual. O corpo se constitui também como uma maneira de ser político, e é uma das formas de se posicionar no mundo.

Na sociedade capitalista em que vivemos, o corpo é central pois ele é o nosso principal modo de sobrevivência nesse modelo econômico e precisamos dele para a realização do trabalho, da nossa tomada de decisões políticas e de todos os conflitos cotidianos que envolvem um ser humano, nesse contexto ele possui centralidade e é

[...] a arena onde acontecem discursos e conflitos simbólicos, políticos, culturais, étnicos, históricos, religiosos e econômicos, refletindo as questões do nosso tempo, refletindo também uma sociedade marcada pela valorização do individualismo, narcisismo, hedonismo e consumo. (Ferreira, 2008. p.473)

Assim, compreende-se que o corpo é socialmente construído, e ele se constitui e opera no mundo a partir daquilo a que teve acesso dentro de sua comunidade social.

## **2.2 O corpo da professora de bebês como uma das dimensões da condição docente**

A condição docente é um tema relevante no estudo da temática de professores/as. O que singulariza esses profissionais de outros sujeitos culturais cuja existência no mundo se dá pelo corpo? As contribuições de Teixeira (2007) são significativas para a compreensão desta indagação. Ela defende que a condição docente se instaura e se realiza na relação entre docente e discente, no espaço sociocultural da escola, em especial na sala de aula. Ela argumenta que “um não existe sem o outro. Docentes e discentes se constituem, se criam e recriam mutuamente, numa invenção de si que é também uma invenção do outro” (Teixeira, 2007, p. 429).

Na educação infantil, pode-se afirmar que a condição docente se funda na relação entre a professora e os bebês, no espaço coletivo de educação infantil, em turmas, denominadas como berçário na cidade de Campina Grande. Nesses espaços, crianças na faixa etária de quatro a dezoito meses são imersas na instituição que tem como função precípua a promoção do seu desenvolvimento global, sob a égide do educar e do cuidar de forma integrada.

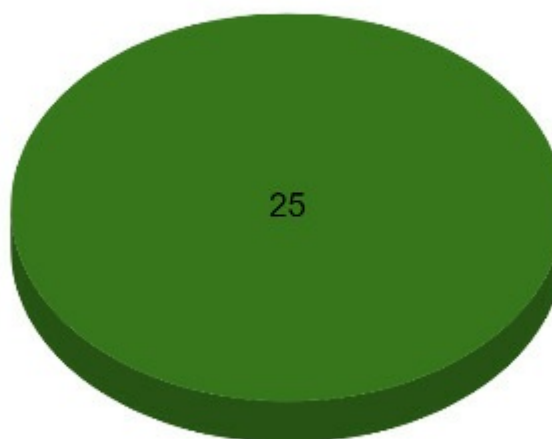
Os estudos têm mostrado que a condição docente de professoras de bebês, tem especificidades e singularidades que são relevantes para a compreensão desta docência. Entre elas destaca-se o corpo, muito demandado nas ações de cuidado e educação das crianças nesses espaços, tornando-se uma das referências para elas das diferentes formas de ser e de estar no mundo.

Nesse cenário, torna-se relevante conhecer de que forma as professoras narram sobre seus corpos nesse ofício, em que as demandas corporais se intensificam, isso poderá contribuir para que se tenha uma melhor compreensão da condição docente delas no exercício da docência.

## **2.3 Corpo de mulheres, mães, professoras na docência com bebês**

Na cidade pesquisada nas instituições de educação infantil, a docência com bebês é um universo feminino. O berçário I, como é denominado o espaço de educação coletiva onde estão bebês na idade de quatro a dezoito meses, foi o alvo desta pesquisa. São 20 instituições que ofertam esse atendimento no município e, das doze participantes, vinte e cinco professoras (entre um total aproximado de 60) contribuíram para traçar esse perfil ao aceitarem responder ao questionário.

## Sexo



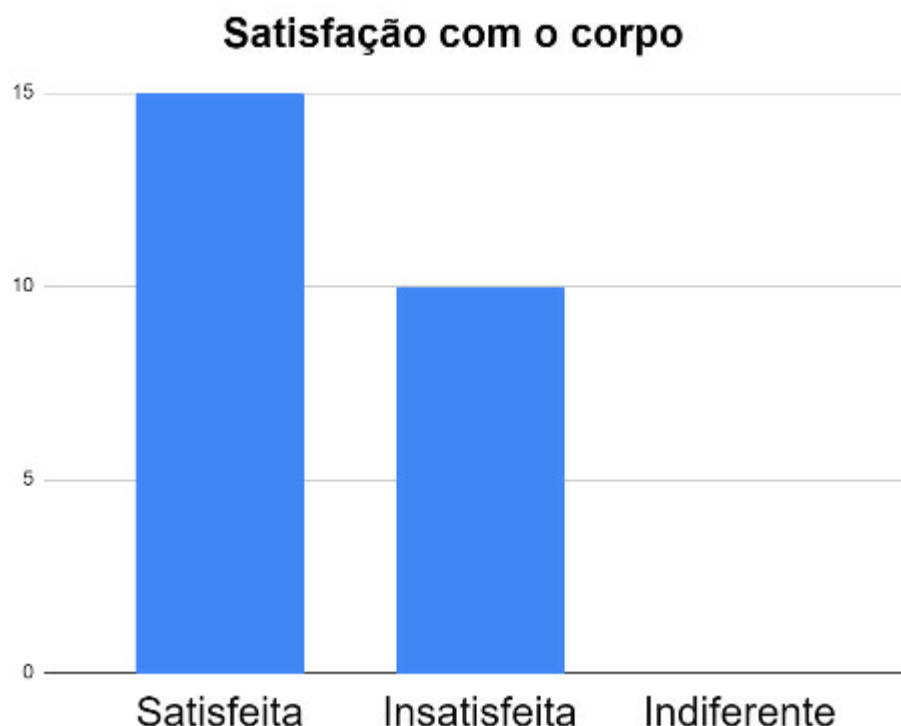
● Feminino

Fonte: elaborado pela autora (2024).

O gráfico 1 mostra que prevalece o sexo feminino no corpo docente no espaço coletivo de educação, berçário I. Isso pode significar que as marcas sociais nos corpos dessas professoras, podem vir de diferentes formas, seja na condição de mulher, de mãe, estado civil ou aparência física. Essa recorrência histórica da predominância feminina nos quadros das instituições de educação infantil gera questões sobre a inserção social da mulher na educação, o seu papel na divisão social no trabalho e na família. A mulher reivindica há tempos uma divisão mais igualitária no âmbito do trabalho e do seu papel na família. Pode-se dizer que a professora de bebês do século XXI, reivindica valorização profissional, reconhecimento de seu ofício com as crianças e melhores condições de trabalho e de carreira profissional.

Como sujeitos socioculturais que são, essas mulheres estabelecem relações diferentes com seus corpos e com a maneira de ser e de estar no mundo social, cultural e do trabalho por meio de seus corpos. A seguir, o gráfico 2, mostra o grau de satisfação das professoras participantes com o seu corpo.

Gráfico 2 - satisfação com o corpo

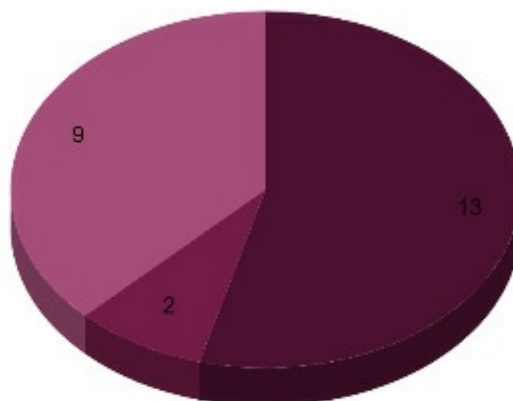


Fonte: elaborado pelos autores (2024).

Pode-se depreender destas respostas que esse grupo de profissionais da educação infantil, tem grau diferente de satisfação com o corpo. Há um grupo maior satisfeito com o corpo, e outro insatisfeito. As razões apresentadas para a insatisfação são no âmbito da estética, estarem acima do peso e imperfeições advindas da maternidade. Temos nessas narrativas alguns presságios da intervenção dos padrões culturais e sociais sobre a estética corporal ideal para as mulheres. Entretanto, há aquelas que estão satisfeitas com a forma de seus corpos, ou por se adequarem às representações sociais ou por terem visões diferentes sobre a estética do corpo.

Gráfico 3 - Exigências do corpo no trabalho

## O corpo da professora no berçário



- Sobre ele, há muitas exigências para o exercício da d...
- Sobre ele, há poucas exigências para o exercício da...
- Sobre ele, há exigências para o exercício da docência

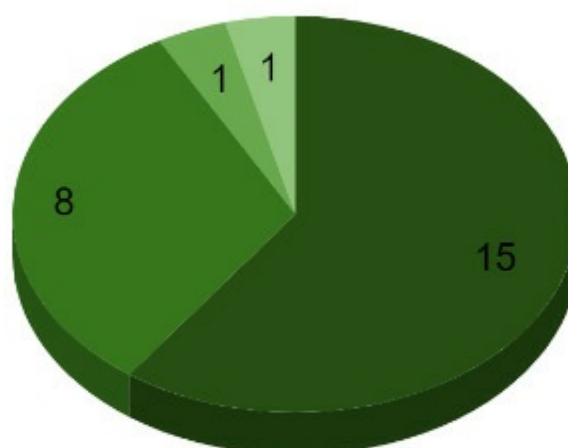
Fonte: elaborado pelos autores(2024).

O resultado apresentado neste gráfico 3 corrobora o resultado de estudos sobre a docência com bebês. Trata-se de um ofício cuja demanda corporal da professora é muito intensa, seja pelos movimentos repetitivos ao longo do dia, seja pela singularidade da docência: planejamento e organização dos espaços e dos materiais pedagógicos, e, muitas das vezes, a confecção desse material. Isso remete às reflexões sobre a adequação ou não das condições de trabalho destas mulheres: os espaços físicos das instituições de educação infantil favorecem o desempenho das atividades pedagógicas de educação e de cuidado pelas professoras com segurança e conforto? Há alguma forma de acompanhamento destas profissionais por profissionais de educação física ou fisioterapia?

Por um lado, pergunta-se se o Estado promove, de alguma forma, condições de trabalho que cuidam dos corpos dessas docentes, por outro indaga-se: elas cuidam de seus corpos?

Gráfico 4 - Cuidados com o corpo

## Cuidados com o corpo



- Costuma ter cuidados
- Cuida eventualmente
- Não tem cuidado
- Não informaram

Fonte: elaborado pelos autores (2024).

No gráfico 4 pode-se perceber que o grupo se subdivide entre aquelas que costumam ter cuidado com o corpo, cuidam eventualmente, e não têm cuidado com o corpo. As razões apresentadas pelas docentes para tal situação estão no tempo e no cansaço diário após o trabalho. Quanto ao tempo, uma das professoras afirma que: “O principal motivo é o cansaço da rotina diária. O tempo que sobra, a pessoa só quer sentar um pouco e descansar” (Professora K, junho de 2024, questionário), nesse quadro, há aquelas que pós-trabalho tem que realizar atribuições domésticas como o cuidado com seus filhos e filhas, a casa, o estudo para concurso público, ou a confecção de materiais pedagógicos e elaboração de planejamentos. Parece que o trabalho docente transcende o tempo na instituição e invade a casa das professoras. Assim, as desvia dos cuidados com o próprio corpo, seja pelo cansaço, pelas necessidades das atribuições domésticas ou do próprio trabalho a ser realizado em casa.

### 2.4 Autorretrato: as professoras se autodescrevem

Uma das considerações importantes no estudo sobre/com professores/as é o pressuposto de Fanfani (2010, s/p) de que: “cada docente em particular e o conjunto dos docentes como coletivo tem uma definição acerca de sua identidade como agente social”. Nesse sentido, torna-se relevante o conhecimento de como essas mulheres professoras se auto descrevem: que aspectos elas destacam?



Como se veem? Os extratos abaixo mostram um recorte dessas descrições:

Sou de pele morena, cabelos cacheados e longos na cor castanho escuro, pouco alta, corpo mediano, rosto comprido, nariz fino, boca pequena, olhos pequenos, braços e pernas grossas, tronco bem distribuído. Bonita, simpática, bem-educada, estudiosa, boa profissional e dedicada, apaixonada pela educação infantil (Professora X, junho de 2024, Questionário).

Sou uma pessoa que gosto de fazer amizades, dançar, passear e conhecer novos lugares. Gosto muito de trabalhar no Berçário. Me apego às crianças demais, brinco com elas e dou muito carinho. Amo minha família, participo e sirvo na liturgia da Igreja da minha comunidade e sou grata a Deus por tudo que conquistei (Professora Z, junho de 2024, Questionário).

As professoras mostram suas subjetividades ao se auto descreverem, sua relação com o corpo, com o trabalho, com as relações sociais e a religiosidade. O que se pode depreender que estão permeadas pelas construções sociais e culturais a respeito do corpo na sociedade. A primeira, a professora X, destaca as suas marcas sociais de raça, de tipo físico e estético, se autodeclara como bonita, simpática, bem-educada. Quanto ao aspecto profissional, se considera boa e dedicada. Ou seja, as marcas sociais e culturais de educação, de postura profissional estão presentes na narrativa.

A segunda narrativa, da professora Z, percebe-se o destaque para as interações sociais, o gosto pelo trabalho e a relação que valoriza com as crianças. E complementa com o amor à família e à prática de sua religiosidade. A omissão das características físicas, no relato podem significar que essa mulher se autodefine a partir das marcas sociais de bom relacionamento com as pessoas, com o trabalho, com a família e com a religião.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pode-se dizer que os achados desta pesquisa mostraram que as professoras de berçário participantes são mulheres, a maioria se autodeclara parda, e tem a idade entre 30 e 50 anos de idade. De modo geral estão satisfeitas com seus corpos, e as insatisfações estão no âmbito da estética, por estarem acima do peso, (não se pode dizer, se, esta constatação é por convenção social ou por motivo de saúde), e por consequências geradas pela gravidez.

As narrativas delas sobre o corpo na docência com os bebês, mostra que é um corpo muito exigido no trabalho. Talvez seja uma das principais razões que as levam ao cansaço, que as impede de exercer cuidados físicos com os corpos pós-trabalho, tais como, frequentar academia, fazer caminhada ou outro.

As autodescrições revelam marcas da sociais e da cultura sobre os corpos na vida cotidiana das relações sociais, e na profissão. Assim como, pode-se perceber que ao se auto descreverem, as professoras, revelam imagens de si, interligadas com a profissão e a condição de mulher na família e no mundo social.

## REFERÊNCIAS

FANFANI, E.T. **Condição docente**. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM.

FERREIRA, Francisco. R. **A produção de sentidos sobre a imagem do corpo**. Interface, v. 12, n. 26, p. 471–483, 2008.

PEREIRA, Ana Cristina Carvalho. **Linguagem Corporal**. In: BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. SMED. Proposições Curriculares da Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte. Belo Horizonte: SMED, 2009

RODRIGUES, José. Carlos. **Tabu do corpo**. [s.l.] Editora FIOCRUZ, 2006.

TEIXEIRA, I. A. DE C. Da condição docente: primeiras aproximações teóricas. **Educação & sociedade**, v. 28, n. 99, p. 426–443, 2007.